

O SUICÍDIO NA SOCIEDADE ATUAL: UMA REVISÃO CONTEMPORÂNEA DA TEORIA DE ÉMILE DURKHEIM

SUICIDE IN CONTEMPORARY SOCIETY: A CONTEMPORARY REVIEW OF THE THEORY OF ÉMILE DURKHEIM

EL SUICIDIO EN LA SOCIEDAD ACTUAL: UNA REVISIÓN CONTEMPORÁNEA DE LA TEORÍA DE ÉMILE DURKHEIM

Tiago Moreno Lopes Roberto¹
Francisco das Chagas Galvão de Lima²
Ana Paula Rodrigues³
Elimeire Alves de Oliveira⁴
André Dela Vale⁵
Gerardo Maria de Araujo Filho⁶

RESUMO: O suicídio constitui um fenômeno complexo e uma urgência para a saúde pública e as ciências sociais, exigindo uma abordagem analítica que ultrapasse a mera dimensão individual. Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica contemporânea da teoria clássica de Émile Durkheim, confrontando-a com as dinâmicas sociais atuais e a produção acadêmica brasileira recente, a fim de contribuir para o avanço dos estudos sociológicos sobre o tema e subsidiar políticas públicas de prevenção. A metodologia empregada foi a de uma revisão bibliográfica com enfoque sociológico, utilizando as bases de dados SciELO e Google Acadêmico. A coleta de dados priorizou artigos publicados entre 1990 e 2025, utilizando combinações das palavras-chave: *suicídio*, *Durkheim*, *anomia* e *integração social*. Os achados da revisão reafirmam a validade perene da proposição durkheimiana do suicídio como um fato social, determinado pelas taxas de integração (laços sociais) e regulação (normas) da sociedade. Essa análise clássica resulta nos quatro tipos de suicídio: egoísta (baixa integração), altruísta (alta integração), anômico (baixa regulação) e fatalista (alta regulação). Contudo, no cenário contemporâneo, a teoria é expandida para incluir uma crise de sentido e falha na narrativa cultural. O fenômeno não é visto apenas como uma falha na coesão social, mas como uma

1

¹Doutor em Ciências da Saúde (FAMERP). Graduado em Psicologia (UNIFEV) e Pedagogia (UNIBF). Especialista em Saúde Mental (FUTURA). Mestre em Psicologia da Saúde (FAMERP)-Docente na Faculdade Futura. Docente UNIRP no Curso de Psicologia e Odontologia- Docente do UNIFAVENI. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do UNIRP.

²Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba - PPGE/UFPB - com pesquisa direcionada para Educação Integral. Possui graduação em Letras (Português) em 2009 e em Pedagogia em 2021. Especialista em Ensino de Língua Inglesa (2021) e Especialista em Ensino de Língua Espanhola (2022). Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2013). Também foi bolsista da CAPES no programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE/CAPES), onde realizou estágio na Universidade de Valencia, Espanha (2017).

³ Doutora em Educação; Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade; Especialista em Marketing, Especialista em Tutoria em EAD, Especialista em Docência do Ensino Superior; graduada em Educação Física. Diretora de EAD do Grupo Educacional FAVENI. Pró-reitora de EAD no Centro Universitário FAVENI. Pró-reitora de EAD, do UNIABEU.

⁴ Mestre em Ensino e Processos Formativos (UNESP) Especialista em Gestão Escolar (UNICAMP). Especialista em Tutoria Em Educação à Distância e Docência do Ensino Superior (Faculdade FUTURA -Grupo Educacional FAVENI) Graduada em Direito (UNIFEV). Graduada em Pedagogia (Faculdade de Antônio Augusto Reis Neves). Graduada em Letras (UNIFEV) Docente e Coordenadora do Curso de Pedagogia na Faculdade Futura.

⁵ Doutor em Educação (Unimep 2016), Mestre em Educação (Unimep 2006), com Especialização em Ensino de Filosofia (FARESE 2020), é graduado em História (UNIMEP -2003) e Pedagogia (UPSJ - 2019). Atua como pesquisador e professor inter-relacionando História, Educação e Arte.

⁶ Psiquiatra. Mestre e Doutor em Neurociências -UNIFESP. Pós-doutor em Psiquiatria pela UNIFESP, Docente FAMERP - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Programa de Pós-Graduação de Ciências da Saúde - São José do Rio Preto - São Paulo - Brasil.

manifestação de anomia e vazio existencial, exacerbados pela pressão da sociedade neoliberal e pela hiperconexão digital, que resultam em sentimentos de angústia e tédio profundo. O estudo identifica a intensificação da vulnerabilidade em grupos específicos: estudantes universitários, sob forte pressão acadêmica e existencial; homens, cuja saúde mental é impactada pela falência em corresponder ao modelo rígido de masculinidade provedora e invulnerável; e a população idosa, que registra tendências preocupantes de mortalidade por causas externas. Adicionalmente, a pesquisa sugere a complementaridade entre as análises sociológicas de Durkheim e Marx na delimitação do campo de estudo. Em conclusão, reitera-se que o suicídio é prevenível. O cuidado efetivo exige a superação do tabu social e a adoção de um modelo de atenção integral que transcenda o foco exclusivo na doença mental. É imperativo que as políticas de prevenção considerem ativamente as raízes sociais e existenciais do sofrimento, promovendo um acolhimento que reflita a complexidade do indivíduo em sua totalidade social.

Palavras-chave: Suicídio. Durkheim. Sociologia. Anomia. Prevenção Social.

ABSTRACT: Suicide is a complex phenomenon and an urgency for public health and the social sciences, requiring an analytical approach that goes beyond the mere individual dimension. This research aimed to carry out a contemporary bibliographic review of the classical theory of Émile Durkheim, confronting it with current social dynamics and recent Brazilian academic production, in order to contribute to the advancement of sociological studies on the subject and subsidize public policies for prevention. The methodology used was a bibliographic review with a sociological focus, using the SciELO and Google Scholar databases. Data collection prioritized articles published between 1990 and 2025, using combinations of the keywords: suicide, Durkheim, anomie, and social integration. The findings of the review reaffirm the perennial validity of the Durkheimian proposition of suicide as a social fact, determined by the rates of integration (social ties) and regulation (norms) of society. This classic analysis results in the four types of suicide: selfish (low integration), altruistic (high integration), anomic (low regulation), and fatalistic (high regulation). However, in the contemporary setting, the theory is expanded to include a crisis of meaning and failure in the cultural narrative. The phenomenon is not only seen as a failure in social cohesion, but as a manifestation of anomie and existential emptiness, exacerbated by the pressure of neoliberal society and digital hyperconnection, which result in feelings of anguish and deep boredom. The study identifies the intensification of vulnerability in specific groups: university students, under strong academic and existential pressure; men, whose mental health is impacted by the failure to correspond to the rigid model of providing and invulnerable masculinity; and the elderly population, which registers worrying trends in mortality from external causes. Additionally, the research suggests the complementarity between the sociological analyses of Durkheim and Marx in the delimitation of the field of study. In conclusion, it is reiterated that suicide is preventable. Effective care requires overcoming social taboo and adopting a comprehensive care model that transcends the exclusive focus on mental illness. It is imperative that prevention policies actively consider the social and existential roots of suffering, promoting a reception that reflects the complexity of the individual in his or her social totality.

Keywords: Suicide. Durkheim. Sociology. Anomie. Social Prevention.

RESUMEN: El suicidio constituye un fenómeno complejo y una urgencia para la salud pública y las ciencias sociales, exigiendo un enfoque analítico que trascienda la mera dimensión individual. Esta investigación tuvo como objetivo realizar una revisión bibliográfica contemporánea de la teoría clásica de Émile Durkheim, confrontándola con las dinámicas

sociales actuales y la producción académica brasileña reciente, con el fin de contribuir al avance de los estudios sociológicos sobre el tema y subsidiar políticas públicas de prevención. La metodología empleada fue la de una revisión bibliográfica con enfoque sociológico, utilizando las bases de datos SciELO y Google Académico. La recolección de datos priorizó artículos publicados entre 1990 y 2025, utilizando combinaciones de las palabras clave: suicidio, Durkheim, anomia e integración social. Los hallazgos de la revisión reafirman la validez permanente de la proposición durkheimiana del suicidio como un hecho social, determinado por las tasas de integración (lazos sociales) y regulación (normas) de la sociedad. Este análisis clásico da lugar a los cuatro tipos de suicidio: egoísta (baja integración), altruista (alta integración), anómico (baja regulación) y fatalista (alta regulación). No obstante, en el escenario contemporáneo, la teoría se amplía para incluir una crisis de sentido y una falla en la narrativa cultural. El fenómeno no se considera únicamente como una falla en la cohesión social, sino como una manifestación de anomia y vacío existencial, exacerbados por la presión de la sociedad neoliberal y la hiperconectividad digital, que resultan en sentimientos de angustia y profundo tedio. El estudio identifica la intensificación de la vulnerabilidad en grupos específicos: estudiantes universitarios, sometidos a fuerte presión académica y existencial; hombres, cuya salud mental se ve afectada por la incapacidad de corresponder al modelo rígido de masculinidad proveedora e invulnerable; y la población adulta mayor, que presenta tendencias preocupantes de mortalidad por causas externas. Adicionalmente, la investigación sugiere la complementariedad entre los análisis sociológicos de Durkheim y Marx en la delimitación del campo de estudio. En conclusión, se reitera que el suicidio es prevenible. La atención efectiva exige la superación del tabú social y la adopción de un modelo de atención integral que trascienda el enfoque exclusivo en la enfermedad mental. Es imperativo que las políticas de prevención consideren activamente las raíces sociales y existenciales del sufrimiento, promoviendo una atención que refleje la complejidad del individuo en su totalidad social.

Palabras clave: Suicidio. Durkheim. Sociología. Anomia. Prevención social.

I INTRODUÇÃO

O suicídio, enquanto fenômeno social complexo e historicamente persistente, tem mobilizado distintas áreas do conhecimento ao longo dos séculos. Embora seja frequentemente percebido como um ato de natureza estritamente individual, sua compreensão demanda uma análise que considere os condicionantes sociais, culturais e históricos que atravessam a vida em sociedade. Tal perspectiva foi pioneiramente consolidada por Émile Durkheim, cuja obra *O Suicídio* (1897) tornou-se marco fundamental para legitimar o fenômeno como objeto da sociologia e explicar, a partir da estrutura social, variações nas taxas de autoextermínio em diferentes contextos sociais. Durkheim rompeu com a visão psicopatológica e moralizante predominante, demonstrando que o comportamento suicida apresentava regularidades estatísticas e variações explicáveis sociologicamente, sobretudo em razão dos níveis de integração e regulação social.

Ainda que o suicídio tenha sido reconhecido como um grave problema social desde o advento da modernidade, sua relevância tornou-se ainda mais evidente na contemporaneidade. Como destaca Queiroz (2020), já no século XIX governos europeus passaram a sistematizar dados sobre mortes violentas, demonstrando que o suicídio era um fenômeno recorrente e alarmante nas principais sociedades modernas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio a cada ano e alertava que, até 2020, esse número poderia chegar a 1,6 milhão de casos anuais. Tais indicadores reforçam que o suicídio permanece sendo um desafio global de saúde pública e um fenômeno que demanda atenção sociológica renovada (Benevides, 2020).

No Brasil, embora as taxas nacionais sejam relativamente menores quando comparadas a diversos países, o número absoluto de mortes coloca o país entre os que mais registram casos no mundo. Dados apresentados no artigo analisado revelam que, somente em 2012, cerca de 12 mil brasileiros tiraram a própria vida, o que representa um aumento significativo em relação ao início do século XXI. Além disso, observou-se um crescimento expressivo dos casos entre a população jovem e em regiões historicamente menos afetadas, como Norte e Nordeste. Entre 2000 e 2012, a Região Norte apresentou um aumento de 77,7% nas taxas de suicídio, evidenciando que o problema se desloca e se transforma conforme as dinâmicas sociais e econômicas regionais. (Benevides, 2020).

A crescente incidência do fenômeno tem mobilizado não apenas políticas públicas, mas também organizações sociais, como demonstra a expansão do Centro de Valorização da Vida (CVV), criado em 1962 e atualmente presente em quase todos os estados brasileiros. Desde 2015, a campanha “Setembro Amarelo” fortaleceu ações de conscientização e prevenção, ampliando o debate público sobre o suicídio e suas consequências psicossociais. O Ministério da Saúde também passou a produzir boletins e relatórios periódicos sobre tentativas e óbitos, reforçando a urgência em compreender o problema de maneira multidisciplinar e abrangente. (Benevides, 2020).

Apesar da relevância crescente do tema, a produção sociológica brasileira sobre o suicídio ainda é limitada. Conforme Queiroz (2020), há uma expressiva escassez de estudos sociológicos dedicados ao fenômeno, predominando pesquisas oriundas das áreas da saúde, psicologia, enfermagem, geografia e história, enquanto a sociologia tem contribuído de forma tímida.

A teoria de Durkheim, sobretudo sua classificação dos tipos de suicídio (egoísta, altruísta, anômico e fatalista), permanece atual e útil para interpretar o fenômeno na sociedade

contemporânea. Sua argumentação demonstra que o suicídio aumenta quando há fragilidade dos vínculos sociais (integração) ou quando há falhas na normatização das relações sociais (regulação). Em um mundo marcado por transformações aceleradas, crescente individualização, precarização das relações de trabalho e fragilidade comunitária, a contribuição durkheimiana ressurge como ferramenta analítica imprescindível.

Estudos posteriores, como os de Halbwachs, Establet e Baudelot, revisitaram e atualizaram a pesquisa Durkheimiana, demonstrando que muitos de seus achados permanecem válidos. No entanto, tais autores também evidenciam nuances contemporâneas, como o aumento de suicídios em áreas rurais, entre populações mais pobres e a influência das crises econômicas sobre o comportamento suicida, elementos que exigem uma reinterpretação sociológica mais sensível às desigualdades sociais e econômicas modernas.

Diante desse cenário, torna-se urgente retomar o debate sociológico sobre o suicídio no Brasil, revisitando a teoria durkheimiana à luz dos desafios contemporâneos. A compreensão atualizada do fenômeno exige integrar sua dimensão histórica, cultural e social, reconhecendo-o não apenas como expressão de sofrimento individual, mas como indicador de tensões estruturais que atravessam a sociedade. Assim, o presente artigo propõe realizar uma revisão contemporânea da teoria de Émile Durkheim, articulando-a às dinâmicas sociais atuais e aos dados epidemiológicos brasileiros, a fim de contribuir para o avanço dos estudos sociológicos sobre o suicídio e oferecer bases analíticas para políticas públicas integradas de prevenção.

A teoria de Émile Durkheim, marco fundador da explicação sociológica do suicídio, oferece categorias analíticas que permanecem relevantes para compreender como fragilidades no tecido social, crises normativas, isolamento, anomia e rupturas nas formas tradicionais de organização social contribuem para o aumento das taxas de autoextermínio. No entanto, apesar da pertinência teórica, ainda são poucos os trabalhos que realizam uma análise atualizada dessas contribuições, integrando-as aos dados e dilemas da sociedade contemporânea.

Assim, justifica-se a realização desta pesquisa por três razões principais: (1) a necessidade de ampliar a produção sociológica brasileira sobre o suicídio, contribuindo para preencher uma lacuna acadêmica relevante; (2) a importância de confrontar a teoria clássica Durkheimiana com o cenário atual, identificando continuidades e atualizações necessárias; e (3) a urgência social e científica de subsidiar políticas públicas e estratégias de prevenção fundamentadas em uma compreensão multidimensional do fenômeno. Ao articular teoria e contemporaneidade, esta

pesquisa busca oferecer uma contribuição consistente ao campo sociológico, fortalecendo a análise crítica do suicídio como fenômeno social e não meramente individual.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. O Suicídio como Fato Social e Crise de Saúde Pública

O suicídio é um fenômeno social complexo que, apesar de ser uma das maiores causas de morte no mundo, ainda se mantém como um tabu na sociedade. Nas últimas décadas, as taxas de suicídio têm apresentado um crescimento alarmante, levando-o a ser categorizado como um problema de saúde pública em diversos países, incluindo o Brasil. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam para um total de 800.000 mortes por ano por suicídio globalmente. No Brasil, o fenômeno está entre as principais causas de mortes externas, ficando atrás apenas dos homicídios e acidentes de trânsito, o que evidencia a urgência em seu estudo e prevenção.

A discussão sobre o suicídio, contudo, não é recente. Historicamente, a abordagem do fenômeno esteve predominantemente ligada aos paradigmas médico e psicológico, que o viam como resultado de patologias individuais, como a monomania. A virada paradigmática essencial para as Ciências Sociais ocorreu com Émile Durkheim no final do século XIX.

6

2. Contribuições Clássicas e Contemporâneas da Sociologia

A obra clássica de Durkheim, *O Suicídio: Estudo Sociológico* (1897), foi um marco estratégico ao demarcar o campo da Sociologia como disciplina científica, definindo o suicídio como um fato social. Para Durkheim, o suicídio não é determinado por causas individuais, mas sim pelo grau de integração e regulação social dos indivíduos. A autonomia da sociologia, neste sentido, é afirmada ao demonstrar que a taxa de suicídios se mantém estável em cada sociedade, variando conforme a estrutura do grupo social (religião, família, etc.).

Embora a obra de Durkheim tenha se consagrado como o estudo sociológico mais importante sobre o tema, ela não é a única perspectiva clássica relevante. A análise de Karl Marx sobre o suicídio, presente no ensaio *Peuchet: sobre o suicídio* (1846), embora menos estudada, é considerada por alguns autores como complementar à visão Durkheimiana. Enquanto Durkheim foca nos laços de coesão, Marx foca nas relações sociais produzidas no seio da sociedade capitalista, permeadas pela contradição, alienação e miséria. Ambos, Durkheim e

Marx, buscam delimitar o campo da Sociologia, ao analisar as raízes sociais (social roots) do sofrimento individual e do suicídio.

Em um contexto mais recente, a sociologia moderna expandiu o arcabouço teórico, incorporando *insights* de áreas como a teoria de redes sociais, sociologia da cultura e sociologia das emoções. Essas abordagens buscam traduzir como o mundo social externo se relaciona com a dor e o sofrimento psicológico individual, revelando as raízes sociais do suicídio para além do modelo original de Durkheim.

3. Vazio Existencial e Vulnerabilidade no Contexto Universitário

A manifestação do comportamento suicida é particularmente preocupante em grupos específicos, como os estudantes universitários, que enfrentam um contexto acadêmico e social de alta pressão. Estudos no Nordeste brasileiro, por exemplo, mostram um alto índice de ideação e tentativas de suicídio em estudantes de cursos como Medicina e Psicologia.

Para compreender o fenômeno neste meio, o artigo de Dutra (2012) propõe a análise a partir da Analítica Existencial (Fenomenologia Heideggeriana). Nessa perspectiva, o suicídio está relacionado ao vazio existencial de jovens na contemporaneidade, um contexto onde predominam a técnica e o mundo hipervirtual.

Conceitos como a angústia e o tédio (tédio profundo), categorias da Analítica Existencial, são mobilizados para refletir sobre o contexto acadêmico e social em que o suicídio ocorre. O tédio, em particular, não é visto como mera falta de ocupação, mas como uma tonalidade afetiva que "não deixa espaço para a surpresa" e revela a ausência de sentido. A análise busca, assim, acolher o aluno em sua dimensão existencial, focando no cuidado e na solicitude como estratégias essenciais.

4. Desafios para a Prevenção e Ação no Brasil

O aumento das taxas de suicídio reforça a necessidade de ações concretas e eficazes. A literatura sugere que, apesar do crescimento das tentativas e óbitos, o problema é prevenível e tratável. A prevenção eficaz exige a superação de barreiras como o tabu e o preconceito social que cercam o tema.

O enfrentamento do suicídio demanda a articulação de políticas públicas eficazes e a capacitação adequada dos profissionais de saúde, promovendo estratégias de cuidado que transcendam o foco exclusivo em doenças mentais. No contexto universitário, a necessidade de

despertar as instituições acadêmicas para a importância do fenômeno é crucial, visando a criação de estratégias de acolhimento que incluam a dimensão existencial dos estudantes.

2.2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica com enfoque sociológico, realizada nas bases SciELO e Google Acadêmico (Google Scholar), com o objetivo de revisar criticamente a teoria de Émile Durkheim sobre o suicídio e relacioná-la às dinâmicas sociais contemporâneas. A seguir apresenta-se, de forma detalhada e pronta para inclusão no texto do artigo, a descrição dos procedimentos de busca, seleção, extração e análise dos dados.

As buscas foram conduzidas nas bases SciELO e Google Acadêmicos publicados entre 1990 e 2025. Foram utilizadas combinações booleanas das palavras-chave especificadas abaixo, Palavras-chave (4): *suicídio, Durkheim, anomia, integração social*.

Critérios de inclusão

Estudos (artigos, capítulos de livros, dissertações e teses) que tratem explicitamente do *suicídio* a partir de uma perspectiva sociológica ou que discutam concepções de *Durkheim* aplicáveis ao suicídio.

Trabalhos publicados em periódicos indexados ou em repositórios acadêmicos (SciELO, Google Acadêmico) entre 1990 e 2025.

Textos em **português, inglês ou espanhol**.

Estudos teóricos, revisões sistemáticas/narrativas, estudos empíricos com discussão sociológica relevante.

Obras clássicas e traduções de Durkheim quando utilizadas para fundamentação teórica.

Critérios de exclusão

Textos estritamente clínicos, biomédicos ou psiquiátricos que não apresentem discussão(s) sociológica(s) ou não dialoguem com conceitos sociais (a menos que contenham seção de discussão sociológica relevante).

Notícias de imprensa, posts de blog, materiais não revisados por pares, resumos de congresso sem texto completo disponível.

Trabalhos cujo texto completo não esteja acessível após tentativas razoáveis de obtenção (ex.: solicitação via bibliotecas ou autor).

Estudos publicados fora do período definido (exceto obras clássicas de Durkheim ou textos de referência histórica imprescindíveis).

Por tratar-se de revisão bibliográfica de materiais públicos, não houve necessidade de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. No entanto, foram observados princípios de integridade acadêmica, atribuindo-se adequadamente todas as fontes e evitando plágio.

2.1.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. O Suicídio como Fato Social Clássico e o Diálogo Sociológico Fundacional

Os resultados da análise teórica e comparativa reafirmam a premissa de que o suicídio deve ser compreendido como um fato social dotado de exterioridade e coercitividade, indo além de uma mera tragédia individual e consolidando-se como objeto científico legítimo da Sociologia. Esta demarcação epistemológica, iniciada pela obra seminal *O Suicídio: Estudo Sociológico* (1897), foi estratégica para a consolidação da disciplina, conforme sublinha Queiroz (2020), ao argumentar que a Sociologia de Durkheim retirou o fenômeno do domínio exclusivo da psicologia e da medicina. No entanto, a discussão aponta para uma lacuna histórica na academia brasileira, visto que o tema foi, por um longo tempo, relegado pela sociologia nacional, o que sugere um déficit na investigação das raízes sociais específicas do fenômeno no Brasil (Queiroz, 2020).

Essa lacuna é preenchida, em parte, pelo resgate do diálogo clássico entre Émile Durkheim e Karl Marx. A investigação comparativa das obras revela que, embora os autores partam de perspectivas filosóficas e metodológicas distintas, Durkheim foca nos laços sociais e na variação da integração e regulação e Marx nas contradições e alienação inerentes às relações sociais produzidas no seio da sociedade capitalista, os resultados de seus trabalhos são significativamente mais complementares do que antagônicos (Rodrigues, 2009). Ambos buscavam, por meio da análise do suicídio, delimitar o campo da Sociologia como disciplina científica (Rodrigues, 2009). A contribuição de Marx, em seu ensaio *Peuchet: sobre o suicídio* (1846), é essencial para a contemporaneidade, pois localiza o sofrimento extremo nas estruturas da alienação e da miséria produzidas pelo modo de produção capitalista, fornecendo uma base crítica que complementa o modelo de coesão social de Durkheim (Almeida, 2018).

A urgência do resgate desse debate é corroborada pela constatação de que o suicídio atingiu valores alarmantes nas últimas décadas, o que o elevou à categoria de grave problema de saúde pública em escala global e nacional (REIS et al., [s.d.]). Essa transição exige que a

abordagem transcenda o foco exclusivo em patologias individuais, demandando a superação do tabu social que o cerca e a implementação de políticas públicas eficazes e a capacitação adequada dos profissionais de saúde, dada a sua natureza prevenível e tratável (Reis et al).

2. Expansão Teórica: As Raízes Sociais e a Crise de Significados Culturais

A complexidade do fenômeno suicida na sociedade contemporânea exige a expansão teórica dos modelos clássicos, articulando a teoria social com as dimensões cultural e psicológica. O conceito de "Raízes Sociais do Suicídio" (*The Social Roots of Suicide*) emerge como um achado crucial, propondo uma moldura para teorizar como o mundo social externo em toda sua materialidade e simbolismo influencia e importa para a ideação e a prevenção suicida (Mueller et al., 2021). Essa abordagem se alinha com a Sociologia Cultural e a Sociologia das Emoções, reconhecendo que o sofrimento não é apenas uma disfunção interna, mas um produto das interações e estruturas sociais (Mueller et al., 2021).

Neste contexto, a reinterpretação da teoria durkheimiana pela Sociologia Cultural de Jeffrey Alexander oferece um arcabouço para essa expansão. Alexander busca purgar a obra de Durkheim das premissas positivistas, tornando-a apta à compreensão do mundo social enquanto uma teia de significados socialmente criados e partilhados (Weiss, 2019). A assim chamada "virada performativa" exige que o sociólogo apreenda os processos pelos quais essa teia de significados é produzida, os modos de subjetivação e a sensação de objetividade que sustentam a ação humana (Weiss, 2019). A crise de sentido, portanto, que culmina no suicídio, não é vista apenas como uma falha na coesão social, mas como uma falha na narrativa cultural que deveria fornecer ao indivíduo um sentido de pertencimento e valor.

10

3. Vulnerabilidades Específicas: Universitários, Masculinidades e a População Idosa

A discussão dos resultados empíricos demonstra que a crise de coesão social e de significado manifesta-se com particular intensidade em grupos específicos, exigindo abordagens focalizadas. O estudo sobre o ambiente acadêmico revelou um alto índice de ideação e tentativas de suicídio entre estudantes universitários no Nordeste do Brasil, notadamente nos cursos de Medicina e Psicologia (Dutra, 2012). A interpretação desse resultado, baseada na Analítica Existencial (Fenomenologia Heideggeriana), situa o fenômeno na crise de vazio existencial da juventude contemporânea, um período marcado pela onipresença da técnica e do mundo hipervirtual (Dutra, 2012).

Conceitos como angústia e, crucialmente, o tédio profundo, entendido como a tonalidade afetiva que revela a ausência de sentido e não a simples falta de ocupação, são mobilizados para refletir sobre o contexto acadêmico, sublinhando a necessidade de as Instituições de Ensino Superior (IES) criarem estratégias de cuidado e solicitude que acolham o aluno em sua dimensão existencial (Dutra, 2012).

Em um recorte de gênero, a análise de masculinidades se configura como um campo crítico de vulnerabilidade. As diversas manifestações de sofrimento mental em homens, incluindo agressividade, violência e tentativa de suicídio, são frequentemente situadas em biografias marcadas pelo fracasso pessoal e profissional (Rocha; Zucchi, 2024). Os achados demonstram que a lógica neoliberal está intrinsecamente ligada às construções de masculinidades, traduzindo o valor do indivíduo na performance do modelo de provedor, autosuficiente e invulnerável (Rocha; Zucchi, 2024). Quando esse modelo falha, o sofrimento é experienciado como falência total do eu. As estratégias de autocuidado desses homens são, portanto, um tensionamento entre a adesão e a problematização dessas lógicas sociais conflituosas, o que expõe a profunda dimensão social do sofrimento que antecede o ato suicida (Rocha; Zucchi, 2024).

A vulnerabilidade se estende à população idosa, conforme evidenciado pelo estudo da mortalidade por causas externas em pessoas idosas no estado de Goiás (2000-2021). Embora o foco seja mais amplo, o achado estatístico de que a taxa de mortalidade por causas externas (na qual o suicídio se insere) apresentou uma tendência crescente no período pré-pandêmico (2000-2019) reforça a necessidade urgente de se investigar a saúde mental deste grupo. Este resultado complementa o quadro de crise de coesão, indicando que a falta de pertencimento e sentido afeta transversalmente as faixas etárias, demandando uma atenção contínua e integral que vá além do estigma (Ribeiro et al., 2025).

4. Desafios do Cuidado e a Necessidade de Articulação na RAPS – Rede de Atenção Psicossocial

Apesar do reconhecimento do suicídio como um problema prevenível (REIS et al., [s.d.]), a discussão sobre a operacionalização do cuidado na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) aponta para desafios significativos na prática. A pesquisa sobre a atenção a pessoas com comportamento suicida em um município do Ceará revelou que, embora os profissionais de saúde detenham saberes teóricos sobre o tema e reconheçam a importância do acolhimento, ainda persistem desafios na prática e na articulação do cuidado (Uchôa et al., 2023).

Essa discrepância entre o saber teórico e a prática efetiva indica que as estratégias de cuidado na RAPS, especialmente na atenção primária e nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), precisam ser aprimoradas para garantir a integralidade e o fluxo de atendimento adequado (Uchôa et al., 2023). O cuidado eficaz deve necessariamente transcender o foco exclusivo na doença mental, incorporando uma perspectiva que acolha a dimensão existencial do sofrimento e as raízes sociais que o estruturam (Dutra, 2012; Mueller et al., 2021).

Em face da complexidade das masculinidades e da pressão exercida pela lógica neoliberal (Rocha; Zucchi, 2024), por exemplo, o cuidado deve ser sensível às narrativas de fracasso pessoal e profissional, evitando a revitimização ou o reforço de padrões rígidos. O mesmo se aplica ao contexto universitário, onde o acolhimento deve envolver a solicitude diante do vazio existencial (Dutra, 2012). A superação da dicotomia entre a teoria social e a prática clínica é, portanto, o desafio central para a RAPS, que deve articular ações intersetoriais e um cuidado matricial capaz de traduzir o conhecimento sobre as raízes sociais do sofrimento em intervenções que promovam o sentido e a coesão social perdida (Uchôa et al., 2023).

3 CONCLUSÃO

Em conclusão, os resultados da revisão demonstram que a compreensão do suicídio na contemporaneidade é um processo que demanda a contínua interlocução entre as bases clássicas da Sociologia, notadamente a teoria de Émile Durkheim e, complementarmente, a análise de Karl Marx, e as abordagens que incorporam a Sociologia Cultural e as perspectivas existenciais. A premissa de Durkheim que estabeleceu o suicídio como um fato social determinado pelos níveis de integração e regulação social (suicídios egoísta, altruísta, anômico e fatalista), mantém-se imprescindível.

No entanto, a revisão contemporânea revela que a crise de coesão social é manifestada como uma falha na narrativa cultural, gerando um vazio existencial e um tédio profundo em grupos vulneráveis, como estudantes universitários e homens sob a pressão do modelo de masculinidade neoliberal. O estudo reforça que o suicídio é prevenível.

Portanto, o desafio central reside em subsidiar práticas de saúde pública que promovam o acolhimento integral do sujeito, superando o foco exclusivo na doença mental. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) deve aprimorar sua prática, articulando o conhecimento sobre as raízes sociais do sofrimento para traduzi-lo em intervenções que restaurem o sentido e a coesão social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Mateus. O suicídio: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. **Revista Aurora**, Marília, SP, v. 11, n. 1, p. 119-138, 2018. DOI: 10.36311/1982-8004.2018.v11n1.07.p119. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/7306>.. Acesso em: 10 dez. 2025.

BENEVIDES QUEIROZ, José. **O suicídio na sociologia brasileira**. *Contemporânea*, v.10, n.3, p.1453-1480, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.23>. Acesso em: 09 dez. 2025.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, várias edições.

DUTRA, Elza. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 924-937, 2012. Disponível: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013. Acesso em: 10 dez. 2025

MUELLER, Anna S. et al. The Social Roots of Suicide: Theorizing How the External Social World Matters to Suicide and Suicide Prevention. **Frontiers in Psychology**, v. 12, Article 621569, Mar. 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2021.621569/full>. Acesso em nov. 2025

QUEIROZ, José Benevides. O Suicídio na Sociologia Brasileira. **Contemporânea**, v. 10, n. 3, p. 1453-1480, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/723/pdf>

QUEIROZ, José Benevides. O Suicídio na Sociologia Brasileira. **Contemporânea**, v. 10, n. 3, p. 1453-1480, set./dez. 2020.

REIS, Alexandre H.; BEZERRA, Jalane Moura Maia; REIS, Polyana Michaela Santana. O Suicídio na Visão do Século XIX e na Contemporaneidade - Desafios aos Paradigmas Médico e Psicológico. Disponível: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/179/179>

REIS, Alexandre H.; BEZERRA, Jalane Moura Maia; REIS, Polyana Michaela Santana. O Suicídio na Visão do Século XIX e na Contemporaneidade - Desafios aos Paradigmas Médico e Psicológico. Edição v. 14 n. 25 (2020): Rios - Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/179>. Acesso em set. 2025

RIBEIRO, Ana Beatriz de Freitas et al. Mortalidade por causas externas em pessoas idosas no estado de Goiás, 2000-2021. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [S. l.], v. 28, e250005, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562025028.250005.pt>. Acesso em set.2025

ROCHA, Rafaela; ZUCCHI, Eliana Miura. Masculinidades e narrativas de sofrimento mental e autocuidado. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. [nº não especificado], p. 1-17, [2024]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.240357>. Acesso em set. 2025

RODRIGUES, Marta M. Assumpção. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 698-713, dez. 2009. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000400006>. Acesso em nov. 2025

UCHÔA, Janayna Mirna de Amorim et al. Atenção às demandas das pessoas com comportamento suicida na RAPS de um município do centro-sul do Ceará: saberes e práticas dos profissionais de saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 34, n. 2, p. e240383pt, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902025240383pt>. Acesso em dez. 2025

WEISS, Raquel. Entre o espírito e a letra: a teoria Durkheimiana na sociologia cultural de Jeffrey Alexander. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 85-110, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9i1>. Acesso em dez. 2025

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Preventing suicide: A global imperative*. Genebra: WHO, 2014.